



PSICOLOGIA E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS - ANCESTRALIDADES E FUTURISMO - TRIBUTO A ANTONIO CIAMPA, À SILVIA LANE, KABENGELE MUNANGA E IOLANDA OLIVEIRA

Regina Suama Ngola Marques¹

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Faculdade de Psicologia, Centro de
Ciências da Saúde, Santo Antonio de Jesus, BA, Brasil.*

Luíza Rodrigues Oliveira²

*Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação em Psicologia,
Niterói, RJ, Brasil.*

Resumo: A construção do campo da psicologia e relações raciais se fez no cotidiano de muitas mãos. Na academia brasileira as dificuldades se impõem. No entanto, a força do movimento negro educador persiste e conquista novos lugares no cotidiano dos tempos. Na universidade e academias da psicologia, o silêncio é imperativo. O racismo se faz na sociedade e gera impactos que a academia psicológica precisa considerar e formar. Através deste ensaio, observa-se a ancestralidade da psicologia, as dimensões futuras e os passos já organizados para que o fio do novelo encontre sempre um novo e mais atrativo caminho de igualdade, saúde e desenvolvimento para pessoas negras, indígenas e brancos pobres.

Palavras-Chave: Ancestralidade; Memória; Psicologia; Relações Étnico Raciais

¹ Pós-Doutora em Psicologia pelo Institut des Mondes Africains dan l'École des Hautés Études en Sciences Sociales (IMAF/EHESS- Paris-França). Autora do Livro *Psicanálise Infantil e Racismo: saúde mental nas relações étnico raciais*, 2023, Professora Associada na faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Docente Permanente do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Psicanalista. Supervisora clínica. Mam'etu Nzo Lemba Tateamoxicongo – Tumba Junssara. Coordenadora Nacional do GT Psicologia e Relações Raciais da Associação Nacional de Pós-Graduação, Ensino e Pesquisa em Psicologia (ANPEPP). Conselheira Titular do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Santo Antonio de Jesus/Bahia. E-mail regina@uol.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3720-0922>

² Doutora em Educação (Universidade de São Paulo), como coordenadora no Mestrado e Doutorado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, liderou a instalação da obrigatoriedade do sistema de cotas de ações afirmativas na pós graduação em psicologia. Professora na Graduação em Psicologia, no Programa Stricto Sensu em Psicologia e do Programa Stricto Sensu em Ensino de Ciências da Natureza na UFF. Editora da Revista *Ensino, Saúde, Ambiente*. Membro do Coletivo de Intelectuais Negras e Negros do País (CDINN) e ENUFF Coletivo Professores Ativistas e Militantes Antirracista. Vice Coordenação do GT Psicologia e Relações Raciais da ANPEPP. E-mail: luizaoliveira@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3765-7121>



**PSYCHOLOGY AND ETHNO-RACIAL RELATIONS - ANCESTRY AND
FUTURISM - A TRIBUTE TO ANTONIO CIAMPA, SILVIA LANE,
KABENGELE MUNANGA AND IOLANDA OLIVEIRA**

Abstract: The field of psychology and race relations has been built by many hands on a daily basis. In Brazilian academia, difficulties have been imposed. However, the strength of the black educator movement persists and conquers new places in everyday life. At universities and psychology academies, silence is imperative. Racism takes place in society and generates impacts that the psychological academy needs to consider and train. This essay looks at the ancestry of psychology, the future dimensions and the steps that have already been organized so that the thread of the yarn always finds a new and more attractive path to equality, health and development for black, indigenous and poor white people.

Keywords: Ancestry; Memory; Psychology; Ethnic Race Relations
Resumo Em Inglês, Times New Roman 12, Espaçamento Simples, Justificado

**PSICOLOGIA Y RELACIONES ETNO-RACIALES - ANCESTRALIDAD Y
FUTURISMO - HOMENAJE A ANTONIO CIAMPA, SILVIA LANE,
KABENGELE MUNANGA Y IOLANDA OLIVEIRA**

Resumen: El campo de la psicología y las relaciones raciales ha sido construido por muchas manos en el día a día. En el mundo académico brasileño hay dificultades. Sin embargo, la fuerza del movimiento de educadores negros persiste y conquista nuevos lugares en el día a día. En las universidades y academias de psicología, el silencio es imperativo. El racismo ocurre en la sociedad y genera impactos que la academia de psicología necesita considerar y educar. Este ensayo examina la ancestralidad de la psicología, las dimensiones futuras y los pasos ya organizados para que el hilo del hilado encuentre siempre un nuevo y más atractivo camino hacia la igualdad, la salud y el desarrollo de negros, indígenas y blancos pobres.

Palabras clave: Ascendencia; Memoria; Psicología; Relaciones étnico-raciales

**PSYCHOLOGIE ET RELATIONS ETHNO-RACIALES - ASCENDANCE ET
FUTURISME - HOMMAGE A ANTONIO CIAMPA, SILVIA LANE,
KABENGELE MUNANGA ET IOLANDA OLIVEIRA**

Résumé: Le domaine de la psychologie et des relations raciales a été construit par de nombreuses mains au quotidien. Le monde universitaire brésilien connaît des difficultés. Cependant, la force du mouvement des éducateurs noirs persiste et conquiert de nouveaux lieux dans la vie de tous les jours. Dans les universités et les académies de psychologie, le silence est impératif. Le racisme est présent dans la société et génère des impacts que l'académie de psychologie doit prendre en compte et éduquer. Cet essai examine l'ascendance de la psychologie, les dimensions futures et les étapes déjà organisées pour que le fil du fil trouve toujours un chemin nouveau et plus attrayant vers l'égalité, la santé et le développement pour les Noirs, les indigènes et les Blancs pauvres.

Mots-clés : Ancêtres ; Mémoire ; Psychologie ; Relations ethniques et raciales



A difícil construção de um campo

Quem nos ensinou a sermos o que somos e a considerarmos o que é importante na vida? Nossas ancestralidades contribuem para que possamos prosseguir os enredos que nos filiaram a eles. A seus ensinamentos e a seus propósitos.

Na psicologia brasileira as mudanças paradigmáticas no cenário social e também clínico vieram com grande esforço, genialidade, alegria e generosidade.

Quando pensamos em alguns mestres, doutores, professores que nos forneceram envergaduras para estarmos onde estamos podemos nos lembrar de seus sorrisos?

De suas alegrias intensas quando nos apresentavam epistemes complexas e nos faziam sair e voar mesmo quando as salas não exigiam, simplesmente porque não tinham, ar condicionado e cadeiras confortáveis?

Foi possível voar sem asas, percorrer campos e florestas vastas, sorrir e chorar de amor e de tristeza diante das mazelas humanas e ainda assim ter esperança para cantar? Fazer a psicologia valer de novo? Fazer Palmares de novo?

Devo dizer que a psicologia brasileira forneceu estas entranhas aos nosso futurismo de professores, docentes, intelectuais negros, pretos e pardos, brancos amalgamados, indígenas – ainda nem tantos, desta louca (?) psicologia brasileira.

Porque eu choro? Porque eu canto? Como se inscreve os nossos enredos? Porque continuamos os movimentos das marchas? Porque no cansaço que nos encerra perduramos continuar novos passos?

Eu canto. Cantamos. E este dossiê tem este brilho.

O brilho de nossas filiações primeiras. A psicologia brasileira é diversa, ainda que em muitos modos continue distante e silente em fundamentais circunstâncias. Ainda é conivente com muitos constructos que encerram a vida e não promovem a emancipação das pessoas.

Se hoje aqui estamos e chegamos, é porque outros estiveram lutando. Fazendo. Para que aqui pudéssemos continuar as marchas. Os passos. Estes passos foram iniciados por nossos ancestrais da psicologia e relações étnico raciais. Os cânones. Eles existem?



Estão sendo reverenciados? Ou passarão ao largo na eminência desses novos tempos do século 21 que aporta e aborta tantas necessidades?

Sem saber do futuro que nos será apresentado, ainda não somos visionárias, um tributo aqui se faz presente aos nossos antepassados da psicologia que radicalizou o processo de romper com o *status quo* de uma sociedade racista, hegemonicamente branca, descompromissada com a realidade social brasileira.

Alguns nomes são importantes para esta psicologia brasileira antirracista. Para esta psicologia brasileira negra mestiça, para esta psicologia brasileira, como nos ensina professor Abrahão Oliveira Santos, pindorama e aterrada.

Mesmo que não tenhamos tido aulas e nossos títulos de doutores ou mestres não tenham passado pelas mãos gentis destes seres, devemos tributos e honras a estes nomes. Possivelmente teremos alguns importantes nomes para saudar, para reverenciar, para encher nosso coração de alegria quando a imagem destes seres nos vem a mente, abre-se o dia, faz calor e a chuva cai...Nossos ancestrais são importantes. Fundamentais.

Ciampa, Antonio da Costa Ciampa, foi um sujeito de grande brilho. Muita luz. Ele recebia a todos com alegria. Sua medida mais plena era a gentileza. E dotado de grande genialidade e inteligência. Sorria sempre. Nunca mal humorado. Sempre capaz de estar presente em discussões complicadas e mesmo quando não concordava o diálogo era possível. Sempre a palavra. A linguística. A comunicação e a memória da vida, dos escritos da vida e da realidade.

Silvia Lane, trouxe Ciampa. Ela também era alegre e carismática.

Kabengele Munanga, trouxe Iolanda. E quem teve ou ainda tem o privilégio de conhecer estes ícones, sabem que ambos são extremamente suaves, simpáticos, acolhedores, griôts negros capazes de empreender caminhos para muitos, como fizeram Silvia e Ciampa, também fazem Munanga e Iolanda Oliveira.

Como mulher e intelectual negra, Professora Iolanda Oliveira trouxe a si mesma. Mas Munanga foi o único capaz de orientar sua tese em psicologia escolar e do desenvolvimento mediando o debate com a educação e relações raciais. Sua tese de doutorado *As desigualdades raciais vistas pelas crianças e pelos jovens*, foi defendida em 1998, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pois de 1977 a 1980



na Universidade Federal Fluminense não havia quem pudesse realizar esta necessidade (PINHO; SILVA, 2022).

Observe-se que Dra. Iolanda Oliveira, intelectual negra e professora desde 1955, e é pioneira no estudo da psicologia e relações étnico raciais. Pois, Virgínia Leone Bicudo é o registro mais antigo no campo das ciências sociais ao mesmo tempo que o teor de seu escrito traduz material psicossocial que exige que pesquisadores atuais dediquem-se a expandir seus conceitos através do material empírico por ela organizado. Posteriormente no campo médico (no Instituto de Medicina Social na UERJ), temos Neusa Santos Souza, que em 1982, escreve sobre psicanálise e a violência do racismo. Para então quase duas décadas após, surgir o pensamento de Iolanda Oliveira (1998) e Izildinha Baptista Nogueira (1998), ambas defendem no mesmo programa de psicologia da Universidade de São Paulo. Iolanda com Munanga e Izildinha com Iraí Carone (a mesma orientadora da Professora Cida Bento).

Fica evidente no estudo de Schucman, Nunes e Costa (2017), o pioneirismo da intelectual negra Iolanda Oliveira e Izildinha Baptista Nogueira no campo da psicologia e relações étnico raciais no contexto formal acadêmico de São Paulo e na Universidade de São Paulo.

Essas duas mulheres e pensadoras negras abrem um novo ciclo para jovens outros pesquisadores. No final do século 20 elas serão instrumentos metodológicos para a gestação de pesquisas em psicologia e relações étnico raciais no novo século que transitamos.

Educação e Psicanálise, sempre juntas para pensar e fazer a diferença nas questões sobre psicologia das relações étnicas e raciais diante destas duas mulheres pensadoras negras da educação, da psicanálise e da psicologia.

Educação, Psicologia e Psicanálise: observem que mulheres negras pensadoras seguem os passos da pioneira pensadora em pesquisa em relações étnico raciais, Dra. Virgínia Leone Bicudo, que escreve em 1945, vinculada ao Projeto Unesco, o primeiro estudo no Brasil sobre psicologia e relações étnico raciais.

Sobre Virgínia, este legado intelectual negro calculadamente esquecido é trazido pela antropóloga negra Profa. Dra. Janaína Damaceno Gomes, *Os segredos de Virgínia* (2013). E é Munanga, carismático e amado que novamente também vai abrindo,



fortalecendo, acolhendo, abraçando, as necessidades do caminho. Acolhendo pesquisadores no campo.

Sobre o carisma de Iolanda Oliveira, Munanga, Silvia e Ciampa, eles são Professores Eméritos. Eméritos da sedução para o conhecimento. Da simpatia, do rigor ético metodológico e do amor a imposição da crítica, com firmeza e suavidade. Seria possível isso?

O sorriso largo e contagiante e a seriedade de uma mulher que, aos 84 anos de idade, vive seus dias intensamente. Ensina, aprende, pesquisa, gosta de desbravar novos conhecimentos relacionados às distintas áreas. Cuida da saúde, preza por uma alimentação saudável. É um ser humano que encanta com sua humildade, simplicidade e cortesia. Mesmo tendo exercido a docência por mais de seis décadas, ao ensinar e praticar a educação antirracista, ela ainda ensina com entusiasmo e acredita na educação como uma importante política para contribuir com uma sociedade equitativa e com justiça social (PINHO; SILVA, 2022, p. 3).

Pra quem ainda pretender ver estas magnitudes raras, Iolanda com 85 anos e Munanga, com seu cavanhaque e cabelos pretos com tons de cinza claro adornados pelo tempo, informo que ambos permanecem conosco. Vivíssimos. Aqui no Ayê. Axé!

Haverá estes carismas de serem passados de mãe para filho, de pai pra filho, de ancestrais para as próximas gerações?

No amadurecimento temos sido mais carismáticas. Menos sisudas. Afinal, de que adianta perder os cabelos e a classe se no final o que nos cabe é a marcha. Sempre a marcha. A despeito do cansaço e desilusão dos corpos.

Kabenguele Munanga com seu carisma inteiro, generosidade, doçura e amabilidade. Rigor extremo. Conceitualmente implacável. Assim como Ciampa e Lane e Iolanda Oliveira.

Nossas ancestralidades mágicas. Neste tributo estamos apenas falando de coisas que possivelmente alguns dirão: para que tantas flores? Onde transitam as teorias? As epistemologias? Os embates sociais? Desistiram de serem fortes conceitualmente?

Não. Não desistimos.



A tarefa em psicologia, na emancipação proposta por negros, indígenas (poucos) e brancos na psicologia implica fazer-se novo. Todos os dias. Estar preparado para proteger com nossas mãos aqueles cuja a vida produziu sangrias.

E neste aspecto a palavra epistêmica é gesto que grafa.

Uma caneta caiu no chão. Professor Ciampa, já em tenra e amadurecida idade se inclinou e retirou-a do chão. Entendeu a mão a quem pertencia o instrumento de grafo.

O que este gesto fala? Um corpo branco que se inclina, diante de um corpo negro que historicamente em geral, nos espaços brancos, elitizados e acadêmicos é hostilizado.

O que Silvia faria? Em sua biografia, em sua marcha, escrita por Sawaia (2002) na coleção pioneiros da psicologia, ela nos informa que Silvia era muito espontânea e articuladora e quando jovem ela ensina crianças a nadarem. Ela se protagoniza com um grupo de crianças de um bairro popular que não sabiam nadar. Ela de algum modo observa os acessos a uma piscina e se encaminha para ensiná-las a nadar (SAWAIA, 2002).

Os mestres tem este fascínio. No Rio de Janeiro uma comitiva de professores saiu para almoçar após uma conferência do GT Psicologia e Relações Étnico Raciais. No percurso um aluno disse bem discretamente: Professora, eu vou almoçar em outro lugar. Depois eu volto. Pra mim é melhor. A professora respondeu: eu te convidei. Você acha que se eu te convidasse eu não ia pagar. Fica à vontade. Quando eu ficar velhinha, você vai pagar um almoço pra mim.

De saber que o GT Psicologia e Relações Raciais é um percurso que uniu um dia em 2015 na Universidade Federal Fluminense em uma aula de ERER (Educação para as Relações Etnico Raciais) debates sobre psicologia e relações raciais promovido por Dra. Iolanda Oliveira.

Estas são identidades memórias da difícil construção do campo da psicologia das relações étnicas e raciais em diferentes geografias brasileiras.

O saber, acolhimento e carisma dos mestres são alicerces conceituais e metodológicos; pois, as relações de igualdade e apoio são fundamentais para a condição da vida mental. Neste sentido, as dimensões étnicas e raciais na psicologia são elementos de atenção importantes porque dizem dos modos como as pessoas no contexto de um

mundo racializado exercem suas sociabilidades: opressão, poder, apoio, atenção, enfim. Como as coisas se organizam no contexto da vida cotidiana. As tensões e os conflitos.

Nos gestos e protagonismos das mestras e mestres, nossos ancestrais da psicologia das relações étnico e raciais, observamos que no campo acadêmico é importante criar formas de sociabilidades positivas, nas quais os diferentes possam sentir que são respeitados, que o mundo não lhes é completamente estranho.

Pelos gestos acima de forma ingênua e pouco consistente podemos considerar que o campo das relações étnicas e raciais trazem desafios imensos na ordem dos tempos.

Implica uma renovação nos modos de pensar e fazer psicologia.

Nesta tentativa de renovação o dossiê congrega textos de diferentes temáticas e regionalidades brasileiras. Com assuntos e temas importantes que problematizam nossa sociedade.

Neste dossiê, observamos os fios que nos ligam as pessoas no âmbito das relações étnicas e raciais a partir da perspectiva psicológica. E partimos da noção de que a psicologia das relações étnicas e raciais ganha um lugar específico de estudo dentro do campo psicológico quando Kabengele Munanga é entrevistado por Antonio da Costa Ciampa em 2000 e o questionamento é feito: Qual é a razão do silêncio da psicologia frente as questões do racismo? (CIAMPA; MUNANGA, 2000).

A renovação no campo social na psicologia foi protagonizada principalmente por Ciampa. Esta renovação nos é trazida por Cecília Pescatore Alves (2016) e José Leon Crochík (2016) a partir da análise do periódico da ABRAPSO ao longo de sua história e fundação por Silvia Lane e o protagonismo da pesquisa psicológica da PUC/SP.

No período do ano de 1996, a psicologia precisa de um novo recomeço, e é a psicologia social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que trará as bases para esta transformação paradigmática.

Nos textos aqui trazidos a tônica é sempre de uma psicologia social conjugada com inúmeros outros aspectos conceituais do campo psicológico.

Podemos fazer a pergunta: Mas afinal das contas, a psicologia é e deve ser sempre social?



Neste dossiê os textos aqui apresentados atestam que sim. Mesmo os do campo da clínica, inclusive a clínica, a psicologia clínica é também social. Toda clínica é social. A clínica da psicologia e relações étnico raciais é social. Todo psicólogo precisa observar a clínica, os modos de conceber os métodos de produção de conhecimento. Isto é clínica. A observação da realidade comportando objetos sociais. Interações sociais. Violências sociais. Impactos na psique. Sofrimentos e singularidades.

As discussões sobre psicologia e relações étnico raciais, só nos são possíveis porque existiu no Brasil uma psicologia que

reuniu e incentivou a produção de um saber sobre o ser humano que se dá a partir de uma relação interdisciplinar, num suporte epistemológico associado a um componente político e ético, sobretudo de uma ética social fundamentada na noção de cidadania plena para todos, e cuja validade epistêmica ocorre a partir da não neutralidade do conhecimento, da crítica à não adequação às condições de vida, da não discriminação a qualquer diferença e da clareza dos pressupostos da concepção de ser humano e de indivíduo que possibilite a busca para a emancipação. A construção de um conhecimento centrado no compromisso pela emancipação exige, necessariamente, uma dimensão política (ALVES; CROCHIK, 2016, p.617).

Aprofundamos hoje com este dossiê este debate que nossos antepassados nos legaram. Estes pressupostos desencadeiam a concretude, a materialidade de pensamentos críticos diante de fatos sociais ocorridos na realidade brasileira que leva em seu contexto a marca da injustiça e da discriminação social (ALVES; CROCHIK, 2016).

Acrescentamos aos amados mestres de nossas ancestralidades psicológicas formais e epistêmicas que o embate da psicologia étnico racial na realidade brasileira existe; mas foi preciso passar por este estado de não consciência, de letargia, de encantamento forçado, de reducionismo a questões sociais, para efetivar agora, no século 21, com novos passos; para necessidade de pensamentos críticos diante de fatos sociais ocorridos na realidade brasileira que leva em seu contexto a marca da injustiça, da violência e da discriminação social, étnica e racial.

Este assunto refere-se a todas nós. Todos nós. Negros, brancos e indígenas.

A sociedade brasileira é este caldo étnico amalgamado e não estamos saudosas de Gilberto Freyre. A população brasileira é mais de 54% negra (pretos e pardos). Porém



somos este caldo de diferença, de diversidade que etnicamente nos constitui como um conjunto social.

No entanto, este tecido está esgarçado. Ainda não há a noção de conjunto. O colonialismo nos legou a noção de raça, classe e não cidadania. Os negros, os brancos, os indígenas. Sectarismos. Privilégios, redutos escusos. Desengajamentos. Desestabilizações frente aos movimentos que desejam emancipações duradouras para a liberdade e acesso a direitos. Violências. Assassinatos.

Nestes tempos de construção do dossiê, observando os fatos, precisamos lembrar Mãe Bernadete da Bahia.

Somos da Bahia. A Universidade Federal do Recôncavo é vizinha ao terreiro de povos quilombolas como Mãe Bernadete.

As violências são constantes. Não há situações equânimes diante do martírio do povo negro. E a psicologia nos honra porque este dossiê foi bem recebido pelos pesquisadores brasileiros. Isto nos traz felicidade grande. Foram quase uma centena de submissões em tempo recorde. Apenas um pouco mais de um mês para que os pesquisadores se mobilizassem e submetessem.

Muitos enviaram. Textos importantes. Outros, que tangenciavam o campo específico proposto pelo dossiê psicologia e relações étnico raciais, foram redirecionados a outras possibilidades de publicação fora deste dossiê.

Há um movimento de contestação acadêmica. Talvez em termos epistêmicos formais não se vislumbrou ainda a possibilidade de aprofundar referências. Não vimos as literaturas dos cânones da psicologia e das relações étnico raciais serem trazidas no conjunto dos textos submetidos.

O pensamento racial brasileiro é formulador do campo epistêmico da psicologia e relações raciais.

Pode um pesquisador em psicologia e relações raciais passar ao largo disso?

Porque não foi possível vislumbrar a proposição do dossiê embates epistêmicos a partir de uma vertente já existente em psicologia e relações-étnico raciais que cunhou com autores pioneiros as dimensões do campo investigativo e psicossocial?



Esta é uma lacuna, na verdade uma reflexão que os textos reunidos do dossiê nos instigam. O novo século que já é uma jovem de 23 anos poderá nos surpreender com os modos como a psicologia das relações étnico raciais se deslindará nos próximos tempos.

Se os cânones não são citados, seria porque não são conhecidos?

Os passos largos de Iolanda Oliveira, Silvia Lane, Munanga e Ciampa e aqueles que eles gentilmente elevaram na investigação do campo estão invisibilizados em seus pioneirismos e constructos epistêmicos?

Estamos fazendo o apagamento clássico de uma academia que pelo academicismo finge discutir a ciência quando a vincula com os meios espasmódicos de reiterar a vida nula ou a vida fácil como nos diria o Professor negro Milton Santos, *honoris causa* em vários países do mundo e no Brasil, prêmio Nobel da Geografia (Prêmio Internacional Vautrin Lud) quando se refere a dimensão da técnica, do espaço e do tempo e a função do intelectual nas universidades? (SANTOS, 1994).

Na busca pelos financiamentos as imposturas se sujeitam. E os intelectuais traem seu tempo (SANTOS, 1994) ao mesmo tempo que parecem fiéis a seus propósitos emancipadores ou emancipatórios. Seria isto ou venceremos e teremos novos tempos?

Os textos apresentados no dossiê nos inspiram – inspiram a todas/todes/todos – nas academias a pensar sobre o nosso tempo. Qual será o destino para a psicologia e sobretudo, para a psicologia das relações étnicas e raciais? Brancos, negros e indígenas serão capazes de legar e aprimorar as necessidades de igualdade e justiça trazidas por nossos ancestrais?

O nome Munanga significa amado. Em uma correspondência eletrônica em 12 de fevereiro de 2013 ele assim disse:

Querida Regina,

Fico decepcionado comigo mesmo em descobrir que sua excelente tese não entrou no meu lattes. Me lembro que na época de sua defesa seu marido estava também finalizando a tese dele. Parabéns para vocês por José Aimé e sucesso acadêmico para o casal. Anotei e vou na atualização do lattes incluir sua tese. Você sabe que Munanga significa Aimé(amado) na minha língua materna (Tshiluba). Desejo que seu filho esteja bem munanga (amado).

Abraço e obrigado pela recordação.



Kabengele Munanga

Foi assim, com o mesmo carisma de Lane e Ciampa que o Ilustre Professor Kabengele Munanga nos foi outorgado. *Ele está no meio de nós. Corações ao alto! Nosso Coração está em deus. Demos graças ao senhor nosso deus. É nosso dever e nossa salvação!*

É nosso dever e nossa salvação reverenciar a memória de nossos ancestrais, que cunharam caminhos para que pudéssemos aqui estar.

Das três excelências, o Professor Kabe merece nossa calorosa saudação pelos feitos socioantropológicos em favor da população negra e afro-diaspórica, incluindo a psicologia das relações étnicas e raciais.

Foi ele quem socorreu Ciampa, encampando o legado de Silvia, na medida em que os negros, poucos ou inexistentes no espaço acadêmico elitista das pós-graduações, começavam a ascender a partir de uma propositura de psicologia combativa nas dimensões étnicas e raciais para negros, indígenas e brancos pobres.

O esforço ético e político de Ciampa e Iraí Carone em trazer para as bancas de mestrado e doutorado um avaliador com competência epistemológica e força crítica social e política quando os temas inéditos sobre racismos, violências raciais, mulheres negras, desigualdades étnicas, enfim, temas não brancos eram apresentados, Kabengele Munanga fazia-se presente. Pois era eticamente convidado.

Assim agiram com ética e posicionamento crítico e político Ciampa e Iraí Carone. Faziam questão em serem fiés a propositura da crítica. Não realizavam o epistemicídio dos poucos epistemólogos negros dentro da academia racista da psicologia e ciências nas universidades brasileiras.

Kabe e Iolanda ainda se fazem presentes nestas necessidades quando são reverenciados. Deslocam-se de seus lugares, em São Paulo, Rio, para promover o exercício de desenvolvimento de um programa de ciências sociais na Universidade Federal do Recôncavo.

Ele, o Amado (Munanga), cumpre com o legado que lhe foi imposto. Ele continua a bancar a representação dos cânones e a dialogar para que os novos fazeres não cessem e se operem. Ele dizia uma vez: Sim, vá para França. Volte para a França. E porque eu



deveria voltar para França pensava eu. Um passado tão distante. Colonialista. *Colonizante?* Eu segui o conselho e voltei. E aprimorei meu olhar com os africanos. França é negra. Paris é negra. Majestosamente negra; também é branca, nem tão branca, amalgamada, densa, tensa e ao mesmo tempo feliz, pelas lutas dos povos diferentes que se encontram. A beira do Sena, nada é festa. Mas em 2016 ainda podia-se conviver bem com as extremas diferenças. E a batalha segue pelos mais velhos que acreditam que ainda é preciso apostar na convivência com todos os diferentes. Cidadania.

A psicologia das relações étnico-raciais encontrará um caminho na geografia brasileira, observando as realidades presentes do nosso espaço e tempo no cotidiano da vida das pessoas negras e as interações e interseccionalidades que se inscrevem?

Nunca o espaço das pessoas foi tão importante para o destino da História. Se, como diz Sartre, “compreender é mudar”, fazer um passo adiante e “ir além de mim mesmo”, uma geografia re-fundada, inspiradas nas realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz, teórico, prático, para a re-fundação do Planeta (SANTOS, 1998, p.39)

Este dossiê vem com textos de pesquisadores distintos. De diferentes regionalidades brasileiras. Com diferentes propostas. De diferentes escopos geográficos. Epistemes diversas. No grupo de trabalho psicologia e relações raciais há mulheres fenotipicamente negras. Homens negros, mulheres brancas e homens brancos em sua minoria.

Observar estas realidades cotidianas do espaço geográfico que circundamos em nosso cotidiano faz diferença?

Conforme Santos (1998) sim. Estas geografias mudam o Planeta. Refundam epistemes teoricamente e praticamente.

A aceleração contemporânea nos inscreve a ver, ser veloz e interpretar nosso tempo. Esse tempo. Kitembo.

Kitembo é o nome do grupo de pesquisa de um dos membros de nosso GT. Mas Kitembo é o Tempo. O Senhor Rei da evolução. Do Caçador de uma flecha que não erra o seu alvo. Ascensão material e espiritual. Tempo de cura, de levar moléstias embora (D’GIYAN, 2014).



Talvez por isso nossos ancestrais da psicologia das relações étnico raciais aqui homenageados eram e são dotados de tanto carisma. De tanta generosidade. Precisavam elevar as almas, o astral daqueles que o Tempo, Senhor da vida e do destino, lhes confiava. Ciampa e Silvia Lane, ancestrais da psicologia social que rompeu com o modelo apático e descompromissado da psicologia, são também bases ancestrais dos caminhos de uma psicologia das relações étnico raciais.

Sob os olhares destes ícones, muito se processou nos diferentes territórios e geografias brasileiras para que hoje a partir deste dossiê pudéssemos vislumbrar inúmeras possibilidades de caminhos.

Obviamente não há um padrão específico e Ciampa nem Lane eram especialistas em questões étnico raciais. Mas estavam atentos a fazer uma psicologia que atestasse o compromisso com os corpos da brava gente negra brasileira. Com todas as contradições - dialéticas – que isto implicava.

Professor Paulo Vinícius Baptista Silva, que é editor-chefe atual deste periódico, também é filho, digamos assim, de uma importante senhora da PUC/SP da psicologia e relações étnico raciais que também pioneiramente abrigou e alargou o campo: a Doutora Fúlvia Rosemberg – a *Iansã* do vento (conforme Paulo em uma de suas falas na defesa de seu memorial tese de Professor Titular da UFPR).

Alguns de nós, acredito, muito sabemos sobre os modos peculiares de ser Fúlvia. E como, do modo como era, favoreceu a expressão de temas psicológicos regados do olhar étnico racial fundamental para compreender o contexto brasileiro e mundial sobre a condição do negro, do indígena, das crianças, das populações diversas, LGBTQIP+.

Neste sentido é que estamos pensando no produto que temos aqui entregue a todos. A epistemologia segue seu curso e como os artigos vão se compondo a impressão que temos é que não há cânones no campo da psicologia das relações étnico raciais. Não observamos neste dossiê. As literaturas são diferenciadas, cada autor usa os mais diversos conceitos para falar de temas voltados a questões negras, etnicidade, mulheres negras, branquitude.

Isto seria um problema? Pensamos que isto é um diagnóstico. Deixaremos o tempo e o Tempo nos guiar. O relógio não para. O tempo não para. “Não para não, não



para” (CAZUZA, 1988). “A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo são forças concentradas, explodindo para criarem o novo (...) grandes perturbações aparentemente sem sentidos (...) a aceleração contemporânea não escapa a esse fato” (SANTOS, 1998, p. 29).

De todo modo algo muito inusitado se percebeu e se firmou. Se não os cânones do pensamento racial psicológico brasileiro, o movimento negro educador que cunhou as premissas das mudanças epistêmicas, paradigmáticas e pragmáticas para a universidade e sociedade brasileira, as mulheres, negras mulheres, souberam se impor. Mulheres Negras Yabás na autoria da gestação do nome e filiações de suas crias: em boa parte dos textos apresentados, mesmo os que não conseguiram formatação final para serem publicados, as mulheres negras enquanto epistemes se apresentavam. No debate e embate social a episteme foram mulheres negras. Pensadoras negras da psicologia, psicanálise brasileira e da educação: Neusa Santos Souza, Virgínia Leone Bicudo, Lélia Gonzáles. Também se repetiu o nome de Beatriz Nascimento (em menor medida, mas ainda assim trazida), Maria Aparecida Bento está bem firmada – essa felizmente conosco, assim como Iolanda e Kabe, aqui no Ayê. E as estrangeiras, Angela Davis, bell hooks, Patrícia Collins e Kilomba.

Sobre branquitude foi interessante que as apresentações foram muitas. O que o pesquisador branco brasileiro da psicologia está a pensar intimamente? Muitos foram os diálogos apresentados. Mas seriam estes pesquisadores brancos? Nem todos puderam vir aqui neste dossiê. Mas o incômodo se faz presente. As tensões são existentes e talvez sejam também os pesquisadores etnicamente negros que estejam também a questionar. A avaliação cega por pares nos faz pensar...

Ao mesmo tempo é preciso dizer que Guerreiro Ramos, contemporâneo de Virgínia Bicudo, era um homem negro, baiano, nascido no Recôncavo da Bahia em Santo Amaro da Purificação, e escreveu nos anos quarenta o texto Psicopatologia do branco brasileiro. E a famosa Cida Bento, alargou na psicologia a noção de branquitude. Foram os pesquisadores negros, o homem negro e a mulher negra – pensadores, que abriram as discussões primeiramente sobre branquitude. No entanto, embora Cida Bento apareça, outros pioneiros no campo não são mencionados.



Interessante que a Professora Lia Vainer Schucman, também participante do GT que propõe o dossiê está se tornando, já se tornou, uma referência clássica no campo da psicologia e branquitude.

Que cause inveja ou admiração respeitosa, o fato é que precisamos continuar a fazer a crítica e fomentar a tensão, o conflito, a fim de que a violência não se instale, se reinstale. Ou, como temos visto, prossiga. Porque a ausência de tensão e a ausência de conflito gera o não diálogo. E o não diálogo rompe com a perversão: violência tácita (WIEVIORKA, 2004).

A pergunta é: todo o esforço do movimento negro educador que colocou de ponta cabeça a instituição universidade, criou as leis 10.639/03, 11.645/08, o estatuto da igualdade racial, o programa de política nacional de saúde integral da população negra, a normativa das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola, a Lei de Cotas nas universidades públicas federais, a lei de cotas nas instituições públicas. Os intelectuais negros e negras que forjaram esta envergadura social e epistêmica, porque não consolidaram posições de cânones no pensamento racial brasileiro que funda a psicologia das relações étnico raciais?

Tudo isto não se fez sem a presença de corpos negros que produzem epistemologias negras (étnico racial) e de corpos não negros que produzem epistemologias sobre etnicidade e racismos no interior das universidades brasileiras que também engendraram o debate junto com o movimento negro educador. Eles foram os negros na Casa Branca, que fiéis a Senzala, produziram diálogos importantes para que a Fazenda fosse repatriada ainda que de modo muito lento, letárgico e extremamente desigual. A dívida está sendo cobrada. Os quilombos são reminiscências vivas.

Eles fizeram. Ao menos na interpretação das pessoas que se identificam com a psicologia das relações étnico raciais e que substanciam com o clamor e produções sócio antropológicas do pensamento racial brasileiro que funda a noção e estruturas conceituais da epistemologia negra em psicologia.

Era assim que Silvia Lane dizia:

Parar para pensar depois fazer" foi o título atribuído por Lane à sua fala que sintetizou a mensagem expressa ao afirmar como fundamental para a Psicologia Social a reflexão crítica sobre a prática cotidiana "porque



sem isso não há a emancipação. Parar para pensar e depois fazer, fazer. Eu acho que é por aí" (Lane, 1996, p.15).

Dedicaram suas vidas a serem consistentes pensadores e ao mesmo tempo, Tempo, pragmáticos. O fazer em primeiro plano, após pensar, ser. Ser ser. E na sequência agir. Agir. Pensar, ser e agir. Materializar historicamente.

Agora podemos dizer, "ir além" como nos propôs Sartre e Santos (1998), materializar etnicamente, diaspóricamente, fazer uma psicologia negra/preta, capaz de conceitualmente propor dialogicidades para as nossas realidades antigas que se tornam emergentes.

Acabou-se a naturalização do racismo. Hoje, no Brasil, racismo é crime. E isto foi uma grande luta. E a psicologia – clínica e social psicologia – participou disso.

Se assim não fosse, Neusa Santos Souza, Cida Bento, em menor proporção Virgínia Leone Bicudo, bem como Beatriz Nascimento e González não estariam quase sempre presentes nos escritos sobre psicologia e relações raciais.

Estranhamente, a tese de doutorado de Izildinha Baptista que norteou, antes de ser publicada, somente em 2021, a maior parte dos escritos de dissertações e teses na história, ciências sociais, educação, no cenário paulista, não é significativamente citada. Canonizada. E Nogueira Baptista está também, entre nós, aqui no Ayê.

Estas inscrições sem fechamentos sobre representações específicas são para dizer sobre o processo de difícil construção de um campo epistêmico metodológico em psicologia das relações étnico raciais.

Haveremos de construir correntes teórico metodológicas? Texto em psicologia com aporte no construcionismo foi apresentado para discutir as características mais difundida pelo movimento negro mundial no tocante a população negra: o cabelo.

Teremos um campo teórico conceitual em psicologia das relações étnicas e raciais a partir de diferentes correntes teóricas? Psicanálise, construcionismo, psicologia histórico social, sócio-histórica, enfim, o fôlego será neste caminho?

O sol se aproxima da manhã. A lua precisa ir embora. Ewá aparecerá novamente brevemente. Rompendo a aurora para fechar o mistério da noite que anuncia o dia.

Estamos no século 21, mas também no século 19 a história (ATTALI, 1982)



é marcada por essas grandes perturbações aparentemente sem sentido. Daí, a cada época, malgrado a certeza de que se atingiu um patamar definitivo, as reações de admiração ou do medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem de gestação (SANTOS, 1994).

Eu ouvi “Kabe” Munanga. Assim como escutamos Ciampa através de Suely Satow (2000). Ela foi uma das primeiras a conceber o conceito de construção de identidade de Ciampa e as dimensões de exclusão de Bader Sawaia em sua tese; ela se apresentava como paralisada cerebral. Jornalista, foi a editora da Revista da Abrapso quando a revista necessitou recomeçar uma fase mais implicada com as necessidades sociais. Sua fala resgatada por Professor Leon Crochik (2016) e Professora Cecília Pescatore Alves (2016) é também a voz ancestral de Ciampa e muitos da psicologia participantes do processo de compromisso epistêmico e ético, social político com a realidade brasileira e global,

Lembro-me da primeira revista que ficou pronta. Foi a maior festa! Fizemos até o lançamento dela no corredor da pós-graduação da PUC-SP. Trabalhamos muito, sempre procurando patrocinadores para o financiamento das revistas (quase sempre não tínhamos), mas sempre com muito coleguismo e profissionalismo. Não me lembro de nenhum clima desagradável enquanto a revista esteve em nossas mãos. Havia, sim, algumas pessoas que trabalhavam mais que outras, como sempre há em todos os grupos (ALVES; CROCHIK, 2016, p. 618).

Assim nos ensinou Ciampa: identidade é singular e plural, objetivo e subjetivo, individual e coletivo.

Esse dossiê não se faz sozinho. Muitas foram as pessoas importantes, inclusive aquelas que não se veem publicadas. Inúmeros textos foram recebidos para agregar força a chamada. E a singularidade de cada pessoa, de cada voz, inclusive aqueles que aqui não se veem, são importantes termômetros para a coletividade, para a pluralidade da compreensão dos caminhos da psicologia das relações étnico racial.

Nesta chamada observamos o grande sucesso deste interesse e necessidade no conjunto coletivo da sociedade brasileira.

A psicologia precisa falar sobre isso. A sociedade e os pesquisadores estão assumindo o enredo de que este embate é necessário na psicologia e ela está se abrindo a este contexto. Esta é para todas nós uma grande felicidade e avanço.



E assim sabemos que a psicologia das relações étnicas e raciais tem muito a desenvolver e a avançar e a colaborar com o contexto do Brasil, da diáspora negra e o contexto do mundo.

Mais uma vez Ciampa nos favorece informando sobre as dimensões preciosas da psicologia social materialista histórica que converge para a formação de outras redes de pesquisa e pensamentos, originários do contexto da crítica social.

Ele se alegra e saúda Oxalá, para que a semente das coisas boas para o mundo se expanda e se estabeleça...

O sucesso da iniciativa criou condições para o lançamento de uma nova revista, *Psicologia: Organizações e Trabalho*, evidenciando a carência de publicações regulares nessa área. A Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO se congratula com esse resultado, vendo nele mais uma concretização do objetivo a que se propõe, de incentivar o intercâmbio científico entre pesquisadores na área psicossocial. Oxalá tenhamos outros resultados como este. (CIAMPA, 1999b, p. 5)

Ciampa nos ensina no uso da expressão Oxalá, que a Paz reina na proporção da expansão do bem. Oxalá, o grande Protetor e grande dignidade representa também o bem estar do princípio da comunidade de terreiro. A terra, o planeta, a natureza, a identidade da pessoa humana ligada à sua condição material – terra natureza, signo e cultura – histórica e cultural. No dito de Ciampa, que é de todos nós, Oxalá, é a identidade negra brasileira. É a produção de subjetividade negra aterrada (?) da psicologia que na oralidade sustenta os pilares das epistemes negras das civilizações africanas calcadas em solo Aby-ala (América), brasileira.

A psicologia surge pela educação. Irmã importante para sua fundação como ciência no Brasil. Juntamente com a filosofia. E neste dossiê, procuramos trazer os artigos que poderão propor experiências que favoreçam o desenvolvimento de populações negras e indígenas especialmente (de forma equânime), e também populações de brancos pobres de modo a favorecer as condições de transformação da ciência e epistemologias psicológicas em relações étnico racial para melhores contribuições e entendimentos na formulação de políticas públicas e engendramentos psicossociais e educacionais.

Finalmente é preciso também festejar como Ciampa, como nossos ancestrais, acreditar; e com generosidade, carisma e sem medo de críticas, com espontaneidade como



disse Ciampa, saudar e ter esperanças em algo maior, esperar “ir além”, como nos disse também Santos (1998), Oxalá.

Por conta disto é preciso dizer Oxalá. Hoje a psicologia pode reunir duas mulheres negras. De matiz preto e pardo. Com inscrições indígenas em nossas veias etnicamente engendrados. Intelectuais negras. Intelectuais pretas. Professoras Doutoradas Negras da Psicologia Brasileira. Assentadas na Universidade Pública Brasileira.

Aqui chegamos com árduos passos. Muitos, dentro do grupo que propôs o dossiê, tem suas próprias histórias. Histórias de vida importantes que circunscrevem nossa identidade de corpos negros. Corpos brancos, discutindo branquitudes, fortalecendo a luta antirracista, indígenas, ainda somos poucos. Mal representados na psicologia brasileira e também neste grupo. Precisamos manter acesa a esperança do encontro. Oxalá, apostar nos avanços. Neste dossiê apenas uma perspectiva bem desenhada se fez presente sobre o elemento indígena na universidade. Apenas um artigo. Uma pena, quando tantos massacres estão a acontecer. O marco temporal em discussão. E tantos, tantos, pardos, brasileiros indígenas a morrer.

Agradecemos a todos os que tornaram o trabalho possível. A vida possível. O pensamento possível. O brilho da caminhada daqueles que se dedicaram a depositar sacrifícios de escritas, ou interesses gerais para gerar algo melhor para si mesmos e para a coletividade da psicologia e da vida das pessoas.

Aos que não se veem aqui publicados, pedimos com humildade que não desanimem. Oxalá há esforços que hoje não são contemplados, mas que amanhã se veem fortemente enriquecidos. Alimentos para multidões que ficaram guardados e no tempo, Tempo certo do destino, serão aprimorados nos caminhos por diferentes outros meios, veículos técnico científicos, que farão a diferença para muitos corpos.

Foi uma seleção muito difícil! Quando pensamos em organizar este dossiê, pensamos em aglutinar as produções psicológicas que se mobilizassem com as questões sociais e que estivessem em desconforto com o *status quo* da produção epistêmica em psicologia.

Observamos que o estado da arte no campo da psicologia e relações étnico raciais encontra-se em plena ascensão em decorrência das questões emergentes no campo da



contemporaneidade do século 21 e as históricas lutas por direitos do movimento negro educador.

Os atores sociais, as instituições, as formas de sociabilidades globais, o declínio dos valores humanos civilizatórios, o ressurgimento de estados fascistas e neonazistas com a crescente opressão e populações negras, indígenas, mulheres, crianças, LGBTQI+, são emblemáticos deste século que ultrapassou sua segunda década.

A saúde mental, os aspectos psicológicos, a produção de subjetividades, culturas e etnicidades sofrem os impactos de violências étnicas engendradas pelo capitalismo, colonialismo, racismo.

Os massacres e genocídios contra populações negras e indígenas acontecem, porém há a resistência, o enfrentamento, a mensagem dos movimentos sociais negros que, como “movimento negro educador”, persiste na capacidade de fazer frente a estas barbaridades: ataque as escolas, instituições de saúde com profissionais da psicologia não habilitados para compreenderem a diversidade étnica e racial no contexto da saúde, principalmente no contexto da saúde mental e psicológica. Processos psíquicos. Automutilações em crianças e adolescentes. Suicídios. E o grupo de jovens negros é o prevalente na epidemiologia do adoecimento grave na saúde mental no mundo (OPAS, Dahl, 2019).

A formação de psicólogos, profissional da saúde mental em contato com os processos sociais e institucionais que estruturam e possibilitam a vida cotidiana dos sujeitos humanos, é intermediada por questões que não discutem nossa população negra, indígena, brancos pobres brasileiros e diáspora negra. Psicologia omissa, predominantemente branca, asséptica e pouco implicada com a sociedade negra indígena brasileira e mundial.

O dossiê em perspectiva epistêmica buscou aglutinar produções de uma psicologia étnica e racial que abordasse a violência de estado, racismos, formas cruéis de sociabilidades. Interracialidades, interseccionalidades. Branquitudes, como ponto de pensamento para a construção de uma ciência psicológica válida para nossos corpos negros indígenas e questionadores do privilégio das populações brancas.

O objetivo deste dossiê foi promover a visibilidade de leituras e narrativas epistêmicas em psicologia e relações étnico raciais que favoreçam as discussões sobre os



impactos do racismo na produção social e como o campo psicológico vem desenvolvendo estes saberes na universidade, nas políticas de acesso e permanência nas universidades, bem como as linguagens que convergem em outras formas de conceber metodologias científicas na psicologia.

As produções que aqui se apresentam em suas diferentes abordagens epistêmico metodológicas acreditamos que fortalecem o campo formativo de psicólogos no Brasil o qual poderá ser mais representativo para a população negra, indígena, não branca e brancos pobres. Bem como contemplar outras dimensões da diversidade.

Em falando de nossas ancestralidades epistêmicas, requer mais um tributo de agradecimento neste texto: Saudamos os Professores Psicólogos Doutora Cecília Pescatore Alves, que também foi orientanda de Ciampa, atual coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da PUC/SP e Doutor José Leon Crochik, Professor Titular da Universidade de São Paulo.

Ao escreverem o recomeço necessário para o compromisso social atuante de uma episteme práxis da psicologia ancorada na ética de um Brasil sedento de justiça, trouxeram o protagonismo de Ciampa, que acolheu a abertura de caminhos, reafirmando o que já fora construído por Silvia Lane e prosseguindo na intimidade e infinidade de caminhos que se perdem pela grandiosidade das vivências e das memórias. Ciampa em sua identidade singular, abraçou o coletivo. Literalmente, seu grupo era sempre cheio, seu carisma inigualável, sua capacidade teórica epistêmica nos proporcionava a capacidade de pensar junto com ele. Juntos, todos éramos convidados a pensar e a “ir além”.

Alguns inquietos se perturbavam. Desistiam, se atrasavam. Mas Ciampa, com sua reconstrução do materialismo histórico de Habermas nos levava onde a nordestina Severina nos encontrava próxima de nossos passos. O negro aparecia, o humilhado se presentificava e assim todos podiam lançar as mãos, os braços para salvaguardar a vida e os ensinamentos que emergiam. Não do Mestre Ciampa – que sempre soube das coisas como dizia Evelyn, uma baiana soteropolitana, colega no mestrado na PUC/SP – Mas de todos aqueles invisíveis que trazidos pela integridade epistêmica de Ciampa, nos apresentavam suas vozes plenas de sabedorias.

Com Ciampa podíamos vê-los, com Ciampa e Munanga podíamos escutá-los. Em primeira pessoa e vozes. Não nos confundiam os compassos.

Ciampa reside na memória de todos que segurou nas mãos. Porque eles ainda carecem de vozes plenas, em espaços plenos de esperanças e justiça. Ciampa no fio de



seu caminho foi íntegro a seu projeto de acompanhar os anseios dos pequeninos. Dos maltrapilhos severinos, tantos no mundo acelerado da contemporaneidade capitalista.

A sociabilidade urbana pode escapar a seus alçozes, nas delegacias de polícia, ou a seus intérpretes, nas universidades. Mas nunca aos atores ativos do drama, que para continuar vivendo, são obrigados a lutar todos os dias (SANTOS, 2000, p.175).

Esquecer pode ser um artifício, para obrigar a lembrar as razões porque me calo.

Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro podem dizer calando: naufragaram fragmentos de mim, mas juntos os cacos, reinvento e sinto o perfume de um novo tempo. Fragmentos de mim, pouco a pouco me refaço e me afasto do danoso líquido, Venenoso (RIBEIRO, 1998).

O silêncio resvala naquilo que os ancestrais da psicologia das relações étnicas e raciais Ciampa e Munanga perguntavam há vinte e três anos atrás: "Qual é a explicação dessa ausência e desse silêncio (de nossa psicologia social) sobre um tema que toca a vida de 60 milhões (hoje são mais de 120 milhões) de brasileiros de ascendência africana?"

Esta sagaz observação continua a mostrar as pistas que a psicologia quando cala, quer seguir.

Mas os corpos negros, indígenas e brancos pobres, matizados, amalgamados, já não tão brancos, se afastam do veneno. As populações excluídas, no processo de exclusão, acabam por fortalecer os sentidos sociais e subjetivos de suas vivências. Ali mesmo onde o fenômeno da escassez é mais sensível, uma tomada de consciência torna-se possível (SANTOS, 1998).

O que o silêncio encobre, neste dossiê muitas coisas estão sendo ditas. Avançamos de modo generoso. Embora sem certezas, os passos já estão sendo dados.

Muitos falham em discernir a beleza e veem apenas a desordem, sem captar todas as maneiras pelas quais as pessoas negras criam vida e transformam a mera necessidade em um terreno de elaboração (HARTMAN, 2022, p.26).

As pessoas negras, os negros, os indígenas, o presente-passado de uma servidão involuntária se desdobra na rua e as cidades segregadas, mantem as divisões e as hierarquias.



Porém as cidades, assim como o mundo, pertencem a todos. Eles, os ‘sujeitos da pesquisa’ não estão em nossas mãos. Nunca estiveram. Nunca se sujeitaram. Não se sujeitam.

Nós somos apenas aqueles que talvez como Ciampa, Silvia, Iolanda Oliveira e Munanga, poderemos abraçar seus desafios, colaborar nos descaminhos, para que paradigmas melhores vençam a luta de impedir que as desigualdades sejam extremas, que as pessoas não possam ser felizes, em sua dignidade material histórica plena e em sua psique elevada em seu espírito. A psicologia e a saúde podem inscrever estas palavras para fazer e pensar cuidados.

Hoje, pelo amálgama que se apresenta nas produções que entregamos neste dossiê, há inscrições de sentenças. Perigos, novos desafios, pistas, veredas.

Seguiremos os caminhos? Retornaremos aos guetos? Qual será o tempo deste destino?

Os caminhos foram formulados muito atrás. Muito antes de nós.

As mulheres, *ah... sempre as mulheres, Iolandas Oliveiras* elas que abriram caminhos. Na psicologia, as negras mulheres foram elas. As pioneiras do destino de uma psicologia das relações étnico raciais.

Hoje muitas e muitos sabem de Virgínia, a pioneira no Brasil. E de Neusa. Ambas negras, de São Paulo, Rio de Janeiro³ e Bahia.

Outros nomes seguirão, na rota da liberação das correntes. Novos nomes surgirão, e também como tudo dá-se ao Tempo, passarão. Ficarão? Só se sabe no tempo...

Os tambores, que também falam, não estão mais mudos. Nunca estiveram. Porém agora, não é mais possível ignorá-los.

Chegamos...muito será o esforço para permanecermos. Que Oxalá, como nos dizem todos os sábios nos resguarde da barbárie e do terror que inevitavelmente volta. Sim, ele volta. Mas como volta, também desfaz-se, vira museu, libera poesias: *não há mal que nunca acabe e nem bem que sempre dure...O Tempo...a vida. Singular e Plural.*

³ Neusa Santos Souza radicou-se no Rio de Janeiro. Nasceu na Bahia, no Recôncavo, na cidade de Cachoeira. Estudou medicina na UFBA – Universidade Federal da Bahia, porém deslocou-se ao Rio de Janeiro para uma residência médica. Acabou fazendo o exame para o mestrado no Instituto de Medicina Social na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro e radicando-se no Rio de Janeiro, como uma conceituada médica psiquiatra, psicanalista clínica e institucional.

Há condições “hoje que podem assegurar uma mutação do ser humano, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta” (SANTOS, 1998, p.174).

Salve a Roda – Rotação. Salvem todos os *griôts* mestres da psicologia brasileira que cumprem com sua função de abrir caminhos. Salvem as mulheres negras, Regina e Luíza e algumas outras como Bento, Neusa e Virgínia, saídas de outros destinos.

Agradecemos especialmente o apoio que tivemos de todos os componentes do GT Psicologia e Relações Raciais da Associação Nacional de Pesquisa, Ensino e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Sem a presença e apoio de todas, todos e todos, nada poderia ser construído. Independente, de qualquer circunstância, pleiteamos visibilidade das vozes que também em nossos corpos se presentificam.

Salve. Que não sejamos singulares apenas. Que a coletividade e singularidade negra, indígena e branca brinquem juntas. Em um quintal de esperança, onde a condição étnica e racial da pessoa possa ser vivida sem constrangimentos, violências ou martírios. Oxalá nos abençoe, e resgate a morte de tantos que violentamente se foram: Mãe Bernadete! (Do quilombo em Simões Filho na Bahia), que não seja em vão a fertilidade de seu Axé!

- Kao Kabecilé, que Xangô, a Justiça, e a Iansã, que acompanhava Fúlvia⁴, possam sempre nos por de pé. Por melhores dias! Para uma melhor ciência e profissão Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. P. & Crochík, J. L. (2016). Notas sobre um recomeço: revista Psicologia & Sociedade (1996 – 2001)

ATTALI, Jacques. Histoires du temps. Fayard, Paris, 1982.

CAZUZA. Álbum: O tempo não para (1988). Música O tempo não para.

⁴ Profa. Dra. Fúlvia Rosemberg foi uma das maiores autoridades do País nos estudos sobre ações afirmativas e educação infantil. Ela fez parte da prestigiosa “Escola de São Paulo” em psicologia social fundada por Silva Lane. Esta escola, mudou paradigmas na psicologia, conforme a proposição de Silva Lane. Rosemberg coordenava o NEGRI – Núcleo de Estudos Gênero, Raça e Idade. Este era o núcleo que mais recebia os pesquisadores interessados em questões étnico raciais, bem como o núcleo de Identidade Metamorfose Emancipação de Ciampa e Psicologia Política com Prof. Dr. Salvador Sandoval (todos na PUC/SP). Estes três líderes foram responsáveis no contexto brasileiro por formar pesquisadores da psicologia e relações raciais que hoje atuam em universidades públicas e privadas em diferentes regiões do Brasil. Na edição deste dossiê dois deles se fazem presentes: Profa. Dra. Regina Marques de Souza/Regina Suama Ngola Marques (UFRB) e o Prof. Dr. Paulo Vinícius Baptista Silva (UFPR).



D'GIVAN, Sérgio. Kitembo – Ndembwa – Tempo – O rei de Angola. Portal de Mídia Afro. Awure.jor.br. Acesso : <http://awure.jor.br/home/kitembondembwatempo-o-rei-de-angola/#:~:text=Kitembo%20%C3%A9%20o%20Nkisi%20Rei,seu%20vento%20leva%20as%20mol%C3%A9stias>).

DAHL, Catarina. Conferencia Saúde e agravos a saúde mental de jovens negros no mundo – Organização Pan Americana de Saúde, III Congresso Internacional Núcleo de Estudos e Pesquisa em PsicAnálise, Identidade, Negritude e Sociedade, CNPQ/Centro de Ciências da Saúde, 2019.

HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos- histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. Editora Fósforo: São Paulo, 2022.

LANE, S. T. M. (1996). Parar para pensar ... depois fazer! [Entrevista à Antonio da Costa Ciampa, Omar Ardans, & Sueli Satow]. *Psicologia & Sociedade*, 8(1), 3-15.

MONTEIRO, M. (1998). ¿Experiencias Comunitarias Exitosas? ...América está llena de ellas [Entrevista à Bader B. Sawaia & Marlito S. Lima]. *Psicologia & Sociedade*, 10(1), 5-22.

MUNANGA, K. (2000). Qual é a explicação dessa ausência e desse silêncio (de nossa psicologia social) sobre um tema que toca a vida de mais de 60 milhões de brasileiros de ascendência africana? [Entrevista à Antonio da Costa Ciampa]. *Psicologia & Sociedade*, 12(1/2), 5-17.

MUNEÉ, F. (1997). Psicologia Social e epistemologia: questão complexa ou complicada? [Entrevista à Antonio C. Ciampa, Omar Ardans, & Maria Gloria Silveira]. *Psicologia & Sociedade*, 9(1/2), 5-30.

PINHO, V. A. de; SILVA, M. M. S. da . IOLANDA DE OLIVEIRA: TRAJETÓRIA, CONCEPÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA SOCIEDADE BRASILEIRA. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 31, n. jan/dez, p. 1–19, 2022. DOI: 10.29286/rep.v31jan/dez.14209. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/14209> Acesso em: 10 set. 2023.

PINHO, V. A. de; SILVA, M. M. S. da . IOLANDA DE OLIVEIRA: TRAJETÓRIA, CONCEPÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA SOCIEDADE BRASILEIRA. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 31, n. jan/dez, p. 1–19, 2022. DOI: 10.29286/rep.v31jan/dez.14209. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/14209>. Acesso em 1 set. 2023.

RIBEIRO, Esmeraldo; BARBOSA, Márcio (orgs). *Cadernos Negros 36*. São Paulo: Quilombhoje Leterratura, 1998.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SATO, L. (1999). Psicologia e Organizações [Entrevista à Fabio de Oliveira]. *Psicologia & Sociedade*, 11(2), 9-22.

SATOW. Sueli Harumi. Paralisado cerebral construção da identidade na exclusão. Editora Cabral: Taubaté, 2000.

SAWAIA, Bader. Silvia Lane. Pioneiros da Psicologia. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SCHUCMAN, Lia Vainer; NUNES, Sylvia da Silveira; COSTA, Eliane Silvia. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. Artigos Originais, *Psicol. USP* 28 (1), Jan-Apr 2017. Acesso em 25 set 2023.

WIEVIORKA, Michel. La violence. Pluriel: Paris, 2004.

Recebido em: 19.08.2023

Aprovado em: 19.09.2023